



Recebido em: 26/05/2020

Aprovado em: 23/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

**O ENSINO DE FILOSOFIA E A ESCRITA DE SI**  
**o uso da redação de cartas filosóficas no Ensino Médio técnico**

**TEACHING PHILOSOPHY AND WRITING OF YOURSELF**  
**the use of philosophical letter writing in technical High School**

*Daniel Salésio Vandresen<sup>1</sup>*

*Isabela Strapazzon Holtz<sup>2</sup>*

*Rafael Antonio Colla<sup>3</sup>*

**RESUMO**

O presente trabalho é uma apresentação dos resultados em pesquisa de iniciação científica no Programa PIBIC-Jr/2019 (IFPR/CNPq), no qual nos propomos a investigar o uso da escrita filosófica como uma técnica de ensino no componente de filosofia nos primeiros anos dos cursos Técnicos Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Coronel Vivida. A fundamentação teórica parte das leituras de Agamben, Sloterdijk e Foucault para descrever suas contribuições para o entendimento de um novo uso da técnica. E a partir da perspectiva foucaultiana, aprofundamos a noção de escrita de si para pensar a formação como uma experiência agonística, ou seja, como uma atitude de inquietação que faz da escrita filosófica uma problematizadora das práticas cotidianas como forma de atenção ao presente e uma relação menos abstrata no ensino-aprendizagem. A metodologia dessa pesquisa compõe-se de um estudo teórico por meio de revisão bibliográfica e uma investigação prática por meio da análise das cartas filosóficas escritas pelas duas turmas ingressantes no ano de 2019. A análise dos dados das cartas filosóficas evidencia que a escrita potencializa a problematização de si, contribuindo para a formação de um modo de pensar atento ao que nos acontece no presente.

**Palavras-chave:** Ensino de filosofia. Escrita de si. Técnica.

**ABSTRACT**

The present work is a presentation of the results of scientific initiation research in the PIBIC-Jr/2019 Program (IFPR/CNPq), in which we propose to investigate the use of philosophical writing as a teaching technique in the philosophy component in the first years of the courses Technicians Integrated to High School at the Federal Institute of Paraná, Advanced Campus Coronel Vivida. The theoretical foundation starts from the readings of Agamben, Sloterdijk and Foucault to describe their

---

<sup>1</sup> Professor Dr. do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Avançado Coronel Vivida. E-mail: [daniel.vandresen@ifpr.edu.br](mailto:daniel.vandresen@ifpr.edu.br).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6937533779562648>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6662-4703>.

<sup>2</sup> Estudante do Curso Técnico em Cooperativismo Integrado ao Ensino Médio no Campus Avançado Coronel Vivida do Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: [strapazzonholtz@gmail.com](mailto:strapazzonholtz@gmail.com).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4392725330118404>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9266-8726>.

<sup>3</sup> Estudante do Curso Técnico em Cooperativismo Integrado ao Ensino Médio no Campus Avançado Coronel Vivida do Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: [rafal\\_colla@hotmail.com](mailto:rafal_colla@hotmail.com).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0477594020203575>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7425-2161>.



contributions to the understanding of a new use of the technique. And from the Foucauldian perspective, we deepened the notion of writing of yourself to think of training as an agonistic experience, that is, as an attitude of uneasiness that makes philosophical writing a problematizer of everyday practices as a way of paying attention to the present and a relationship less abstract in teaching-learning. The methodology of this research consists of a theoretical study through bibliographic review and a practical investigation through the analysis of the philosophical letters written by the two new classes in 2019. The analysis of the data from the philosophical letters shows that writing enhances the problematization of oneself, contributing to the formation of a way of thinking attentive to what happens to us in the present.

**Keywords:** Philosophy teaching. Writing of yourself. Technique.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma apresentação dos resultados em pesquisa de iniciação científica desenvolvido no projeto intitulado “O ensino de filosofia e a escrita de si como experiência existencial” aprovado no Programa PIBIC-Jr/2019 (IFPR/CNPq). Nesse projeto nos propomos a investigar o uso da escrita filosófica como uma técnica de ensino no componente de filosofia nos dois primeiros anos dos cursos Técnicos Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Coronel Vivida.

A questão norteadora que impulsionou a proposição dessa pesquisa é: como praticar uma filosofia para além da obrigação de falar e escrever que caracteriza nossa tradição filosófica, de uma escrita reprodutora e um discurso retórico sem vinculação com a vida que se exercita a si mesma? Ao colocá-la, entendemos que no ensino de filosofia quando predomina a transmissão abstrata do conhecimento, seja pelo discurso ou pela escrita, não permite acontecer o exercício de si como prática da liberdade, isto porque nesse tipo de ensino se produz uma relação técnica em que a transmissão da verdade é apenas reproduzida sem produzir uma tensão ética importante para a problematização de si e para repensar as práticas existenciais.

No desenvolvimento deste trabalho defendemos o exercício da escrita como uma forma de problematização de si que potencializa o fazer filosófico, tornando-se um instrumento fundamental para combater certas práticas de ensino em que o conhecimento é transformado em produção de repetições. Em um ensino como repetição apenas se gera imitação, isto porque nesse processo de transmissão do conhecimento o indivíduo deixa-se operar pelos outros e sua resposta nada mais é que a reprodução da informação recebida. Por isso, por meio da leitura foucaultiana da noção de escrita de si procuramos descrever uma inquietação por meio de uma escrita filosófica problematizadora das práticas como forma de



atenção ao presente e uma relação menos abstrata no ensino. Isto quer dizer que, diferentemente da repetição do conteúdo como reprodução do mesmo em que o indivíduo se deixa operar pelo comando do outro se tornando um sujeito autômato, na escrita de si como prática existencial torna-se possível construir uma relação consigo transformadora.

Por se tratar do ensino de filosofia no ensino médio técnico, a redação de cartas filosóficas, além de promover uma integração entre os alunos dos primeiros anos e uma aproximação com a própria filosofia, também se constitui em uma problematização da técnica, ou ainda, a partir das ideias de Agamben (2007) trata-se de se fazer um novo uso da técnica. Com isso, tencionamos que o ensino de filosofia possa suscitar um novo uso da técnica da escrita, questionando a transmissão/reprodução técnica da verdade e defendendo a escrita de si como uma estratégia para se produzir uma tensão ética importante para a formação de um sujeito autônomo.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1. O ensino de filosofia e um novo uso da técnica**

A partir da perspectiva teórica foucaultiana pensamos a filosofia e sua relação com a técnica por meio da produção da subjetividade, ou seja, não analisar a técnica pela sua utilidade, mas no modo como produz um sujeito. Desse modo, o ensino da filosofia deve promover não só a compreensão crítica do processo de construção do conhecimento da técnica e da ciência (questão da epistemologia), como também a reflexão crítica sobre o processo da constituição da subjetividade, das formas de resistência e novos estilos de vida (questão da ética-política-estética). Essa postura filosófica é indispensável na formação do estudante do Ensino Médio Técnico, pois possibilita a constituição de uma subjetividade autônoma como forma de resistência às forças de sujeição.

A partir dessa relação entre técnica e subjetividade, as leituras de Giorgio Agamben, Peter Sloterdijk e Michel Foucault contribuem para um novo uso da técnica. Enquanto para Agamben (2007) a técnica deve ser interpretada como um novo uso, onde o sujeito praticante ao ser afetado pelo uso coloca em jogo sua própria subjetividade. Para Sloterdijk (2012) deve-se compreender a técnica como exercício em que se permite um operar-se a si mesmo como oposição ao deixar-se operar próprio da modernidade. Já Foucault (2004) retoma à noção grega de *tékhnē* e sua relação com o cuidado de si, o que nos possibilita o deslocamento do



uso utilitarista da técnica moderna para um novo uso da *tékhnē* em que seja possível o exercício de si.

Agamben (2007) afirma a necessidade de se fazer um novo uso das coisas, ou seja, trata-se de se fazer com que o sujeito praticante de uma determinada atividade possa ser afetado por ela e construa uma experiência singular. Para Agamben o novo uso é uma relação imanente em que o essencial é a afeição que o usante recebe, em suas palavras: “[...] a afeição que se recebe enquanto se está em relação com um ou mais corpos.” (AGAMBEN, 2017, p. 48). Desse modo, o novo uso é também um modo de uso de si, o qual se constitui em um modo de ser afetado em que não há um eu que se constitui como um antes e um depois do uso, isto porque, não sou eu que uso, mas uma relação que opera em mim. Ideia pela qual conduzimos nossa reflexão da técnica da escrita, entendendo que por meio dela a filosofia se realiza como exercício de si e um novo uso de si, pois se trata de um modo de expressar-se pela problematização de sua experiência em que não é possível distanciar-se de modo abstrato.

A partir dessa noção de uso entendemos que é preciso combater o uso técnico objetivista por meio da criação de novos usos. Como afirma o autor: “[...] a criação de um novo uso só é possível ao homem se ele desativar o velho uso, tornando-o inoperante.” (AGAMBEN, 2007, p. 75). Isto quer dizer que para desativar o uso técnico presente na constituição de uma subjetividade subjugada é preciso colocar em prática um novo uso.

Já na análise de Sloterdijk (2012) a modernidade se caracteriza pelo predomínio do “deixar-se operar”, no qual o indivíduo usa das competências operativas dos outros para influenciar a si mesmo. Esse tipo de competência exigida do homem moderno se dá em uma forma de passividade que se manifesta em sua “[...] disposição para *deixar-se operar* pelo seu próprio interesse.” (SLOTERDIJK, 2012, p. 477), o que pode ser percebido em diferentes atitudes, como: deixar-se informar, deixar-se divertir, deixar-se excitar, deixar-se curar, deixar-se enganar e muitas outras formas.

Em oposição a esse modo, Sloterdijk afirma que é preciso praticar o exercício interno de “operar-se por si mesmo”. Então, com o convite “você tem que mudar tua vida!” o autor busca repensar a vida como exercício, pois o “[...] homem é um ser vivo que não pode deixar de exercitar-se [...]” (SLOTERDIJK, 2012, p. 518). Assim, entende que o exercício é constitutivo da existência humana.

Dessa forma, Sloterdijk, com o imperativo “você tem que mudar tua vida!”, busca repensar a “diferenciação ética” através de uma vida dedicada ao exercício. E a partir desse exercício como modo de ser do homem, o autor descreve outro sentido para a noção de



repetição, pois “[...] exercitar-se significa repetir de tal maneira um paradigma de ação que a consequência de sua execução melhora a disposição para a próxima repetição.” (SLOTERDIJK, 2012, p. 518). Para Sloterdijk, o exercício que se repete traz algo a mais para a próxima repetição e faz com que a repetição produza algo diferente. Repetir é produzir algo que não se esperava. Repetir é tornar-se diferente.

Dessa forma, a leitura de Sloterdijk possibilita pensar a prática cotidiana de exercícios como uma forma de fazer com que a repetição produza diferenças, rompendo com hábitos cristalizados e como possibilidade de produzir o inesperado. Então, o imperativo “você tem que mudar tua vida!” é o reconhecimento “de que assim não se pode continuar”. E assim, cada repetição torna-se um novo uso, cada exercício é uma experiência singular para constituir-se diferentemente.

Já para Foucault (2004) não é possível pensar no modo como os gregos conduzem suas vidas e sua liberdade sem fazer referência a *tékhne* que nós mesmos praticamos, pois no pensamento grego não será mais a estrutura política, nem a forma da lei, nem o imperativo religioso que deve dizer o que fazer ao longo da vida, mas tão somente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua *tékhne*. Assim, afirma: “Os seres humanos, seu *bíos*, sua vida, sua existência são tais que não podem eles viver sua vida sem referir-se a certa articulação racional e prescritiva que é a da *tékhne*.” (FOUCAULT, 2004, p. 542). Para o autor, trata-se de constituir uma arte de viver (*tékhne tou bíou*) em que se deve “Fazer da própria vida objeto de uma *tékhne* [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 513).

Segundo Foucault (2004, p. 513s) a *tékhne* grega estava associada a certos procedimentos técnicos que agem sobre a vida em busca da formação de um estilo de vida, uma forma de vida que se constitua em uma obra bela. A *tékhne* grega é também uma arte, uma arte da existência, onde fazer da vida uma técnica implica necessariamente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua *tékhne*. Para os gregos o importante é como viver, sendo que “[...] o problema se constituía em qual técnica devo utilizar para viver da melhor maneira possível.” (FOUCAULT, 1995, p. 259).

Ao falar sobre os estoicos, afirmará que filosofar é preparar-se e para estar preparado para algo que possa acontecer se fazem necessárias as técnicas (procedimentos, saberes, meditação, escrita, exercícios, etc.) como forma de cuidar de si (FOUCAULT, 2004, p. 588). Assim, o autor relaciona o uso da técnica com o cuidado de si, como expressa pela pergunta: “[...] qual é o saber que me possibilitará viver como devo viver, como devo viver enquanto indivíduo, enquanto cidadão, etc.?” (FOUCAULT, 2004, p. 219). Resposta que deveria se



configurar como busca por um estilo de vida, onde a vida pudesse se configurar em uma obra de arte portadora de valores estéticos.

Por isso, é importante que o ensino de filosofia proporcione atividades que se desloquem de um ensino abstrato para um exercício que permite pensar a vida. Nesse mesmo sentido, Gelamo (2009) ao problematizar o ensino, principalmente o ensino de filosofia, constata que há uma valorização da experiência como imitação, o que não permite a experiência do pensar, esta que é uma maneira de afetar a própria vida filosoficamente. Para o autor, nesse tipo de imitação apenas se reproduz a experiência do outro em detrimento daquela que é feita por si mesmo, produzindo um empobrecimento da experiência e um enfraquecimento dos modos de vida e do pensar filosófico sobre a vida (GELAMO, 2009, p. 127).

A partir desse horizonte teórico, entendemos que no ensino de filosofia quando predomina a transmissão abstrata do conhecimento como repetição do mesmo, seja pelo discurso ou pela escrita, não se permite acontecer o exercício de si como prática da liberdade, isto porque nesse tipo de ensino se produz uma relação técnica em que a transmissão da verdade é apenas reproduzida sem produzir uma tensão agonística importante para a problematização de si e para repensar as práticas ético-políticas.

## 1.2 O ensino de filosofia e a escrita de si

A partir da noção de cuidado de si (*epiméleia heautoû*) Foucault desenvolve no curso de 1982 (2004) uma reflexão sobre a vida como modo de exercícios espirituais. Essa noção é compreendida pelo autor tanto como atitude, como uma atenção e também como práticas de transformação de si por meio do exercício de si. Com estas três ideias, resumimos os três elementos que Foucault (2004, p. 14-15) propõe examinar durante o curso a propósito da noção de *epiméleia heautoû*: primeiro, como atitude para consigo, com os outros e com o mundo; segundo, uma forma de atenção/olhar que se realiza por formas de atenção ao que se passa no pensamento; e terceiro, um série de práticas como exercícios e meditações por meio dos quais se produzem a transformação de si.

Por isso, o autor entende que o cuidado de si se “[...] constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.” (FOUCAULT, 2004, p. 11). Inquietação que conduz o indivíduo ao permanente exercício de si como forma de fazer da filosofia uma preparação. Contudo, cuidar de si não significa adquirir capacidades ou competências para fazer coisas, como é característico de



nossa época, antes tem o sentido agonístico de transformação de si. Sobre isso, Frédéric Gros, no dossiê “Cultura de Si”, cita uma passagem do próprio Foucault:

A agonística estrita que caracteriza a ética antiga não desaparece [...]. Ser mais forte do que si implica que se esteja e se permaneça à espreita, que se desconfie sem cessar de si mesmo, e que não apenas no decurso da vida cotidiana, como também no próprio fluxo das representações, se faça atuar o controle e o domínio. (Foucault apud GROS, 2004, p. 648).

A partir desse modo de viver agonístico, Foucault compreende a filosofia como um saber que, por meio de um exercício do pensamento sobre a vida, proporciona um desprender-se de si, como expressa:

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos, e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente da que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 2014, p. 13).

De modo semelhante a esse questionamento do saber realizado por Foucault no início da obra *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*, podemos perguntar: de que valeria o ensino de filosofia nas escolas, se tivesse apenas por função a aquisição, transmissão e reprodução do conhecimento e não, de certa maneira, produzir o desprender-se de si mesmo por meio das problematizações de nossas práticas cotidianas? Nessa mesma perspectiva de deslocamento, o autor atribui outro sentido para se fazer a história da filosofia, a qual deve se realizar como um exercício problematizador que tem por objetivo “[...] definir as condições nas quais o ser humano ‘problematiza’ o que ele é, o que faz e o mundo em que vive.” (FOUCAULT, 2012, p. 193).

A partir desse horizonte problemático, pensamos o uso da escrita como prática existencial em contraponto ao uso como reprodução do mesmo. Foucault, no texto *A escrita de si*, ao tratar sobre as correspondências espirituais entre os filósofos antigos, afirma que “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe.” (FOUCAULT, 2012, p. 150). Foucault ao estudar as cartas de Sêneca descreve que o objetivo era examinar a vida cotidiana para prepara-se diante de outros acontecimentos semelhantes. O exame da vida constitui um exercício que “[...] lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida.” (FOUCAULT, 2012, p. 157), isso significa que é preciso



examinar a maneira como se vive tendo como referência a criação da arte de viver, ou seja, da construção da melhor forma de viver.

Desse modo, Foucault (2012, p. 144) compreende que a escrita tem uma função *etopoiética* que é a de transformar a verdade em *êthos*, ou seja, se constitua em um modo de vida. Isto quer dizer que a escrita produz um exercício de si que se transforma em um aprendizado da arte de viver. Essa transformação pela escrita pode ser observada na descrição que Foucault (2004, p. 432) realiza dos escritos antigos denominados como *hypomnêmatas*, os quais consistiam de anotações que servem como suporte de lembrança e guia de conduta para a vida cotidiana. Esses escritos servem tanto como um exercício para si como também para os outros, pois nas correspondências entre os filósofos utilizava-se desta técnica do *hypomnêmeta* para lembrar os discípulos dos ensinamentos e exercícios cotidianos necessários para vivenciar a filosofia.

Foucault (2010) também descreve que Platão na *Sétima Carta* (ou Carta VII) relata sobre o fracasso de Dionísio na prova da filosofia, recusando a filosofia como exercício de práticas e escolhendo escrever um tratado de filosofia. Platão descreve: “[...] meu primeiro cuidado foi certificar-me se Dionísio era mesmo unha e carne com a filosofia.” (1975, 340b) e explica que ele, apesar de pretender-se filósofo, não a praticava como atividade existencial. Por meio da descrição de Platão, Foucault evidencia que a experiência de Dionísio é de uma escrita como reprodução, mas que a filosofia deve se realizar como modo de vida, em que a própria vida deve ser modificada por meio de práticas cotidianas.

Com isso, Foucault compreende a filosofia como exercício de si que se realiza por práticas. “Aquilo que a filosofia encontra seu real é a prática da filosofia, entendida como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si. O trabalho de si sobre si é o real da filosofia.” (2010, p. 221). Ao interpretar a *Carta VII* de Platão, que aborda seu relato sobre sua missão de conselheiro político na ocasião de sua segunda viagem a Sicília, Foucault (2010, p. 203-222) percebe que o que está em jogo na missão de Platão é o próprio sentido da filosofia: não ser puro e simples discurso (*logos*), mas *érgon* (tarefa, obra).

A *Carta VII* é para Foucault uma reflexão que trata sobre o real da filosofia, contudo, não o real enquanto parâmetro para medir se a filosofia é verdadeira ou não, mas da verdade como modo de vida. E cita o exemplo do homem doente relatado por Platão (1975, 330d), demonstrando que, para que a filosofia não seja apenas discurso, mas realidade, ela precisa ter a mesma atitude do médico que busca convencer o doente a mudar seu regime de vida, ou seja, o que está em jogo é seu modo de vida cuja transformação evitará outras doenças.



A partir desse registro teórico, o projeto PIBIC-Jr/2019 objetivou, por meio de troca de cartas filosóficas, intensificar a forma de vivenciar o exercício filosófico existencial. Com essa atividade buscamos analisar e relacionar a escrita e a vida, a técnica e a subjetividade, a filosofia e a existência, isto porque, geralmente a escrita é utilizada apenas como reprodução do conteúdo adquirido sem vinculação com um exercício de si.

Por isso, como fundamentação teórica e instrumento de análise para a aplicação do projeto, a leitura foucaultiana da escrita de si nos possibilitou desenvolver uma escrita problematizadora das práticas nas quais o sujeito está inserido em sua existência. E uma dessas práticas diz respeito à construção social do ser adolescente, etapa da vida à qual pertence o público participante desse projeto.

Segundo Rocha e Garcia (2008) o conceito de adolescência não pode ser mais entendido apenas como concebido pela modernidade, isto é, como uma etapa intermediária de desenvolvimento e preparação para a entrada no mundo adulto, mas deve ser concebida como produção social de uma idealização da adolescência que é promovida contemporaneamente pela cultura do consumo e o culto à liberdade. Para as autoras, a idealização de estilos de vida produz um fluxo de identidades múltiplas e móveis propagadas por ideais de liberdade de escolha para adotar diferentes estilos, por sua vez, atrelados as diferentes possibilidades de consumo (2008, p. 626).

Portanto, a partir da relação entre a escrita e a adolescência, procuramos analisar na expressão de sua escrita o modo como os mesmos se compreendem, sua percepção sobre a ação da sociedade na formação de si, indagando acerca do seu propósito e a construção de sua existência nela.

## **2 METODOLOGIA**

O projeto PIBIC-Jr se desenvolveu por meio de pesquisa teórica e prática, introduzindo os estudantes do ensino médio nos primeiros passos de pesquisador na modalidade de iniciação científica. A pesquisa teórica teve por objetivo inserir os estudantes na fundamentação teórica da proposta de pesquisa, sendo que o mesmo se realizou por meio de leituras, discussões presenciais e, também, por meio de leitura e relatórios em pesquisas individuais. A pesquisa prática consiste em duas etapas: primeiro, o desenvolvimento da atividade das cartas filosóficas e, em um segundo momento, a análise da material coletado. Essa etapa prática tem por objetivo introduzir os estudantes pesquisadores nos procedimentos



práticos de um processo de pesquisa, sendo que sua participação aconteceu principalmente no estudo da fundamentação teórica, na análise das cartas e formatação dos dados, na escrita científica e, na divulgação da pesquisa em eventos. A análise de dados foi realizada a partir da perspectiva da análise qualitativa, pois mesmo que os dados possam ser apresentados em forma numérica, nosso objetivo é compreender o modo como a vida dos sujeitos é formada em suas práticas cotidianas.

A atividade de redação consiste na troca de cartas filosóficas entre as duas turmas ingressantes no ano de 2019 no Ensino Médio Integrado dos cursos técnicos em Administração e Cooperativismo no IFPR, Campus Avançado Coronel Vivida, totalizando um público alvo de 80 estudantes em duas turmas de 40. Inicialmente os estudantes foram ambientados na proposta durante as aulas de filosofia no primeiro bimestre, pois nesse momento é possível relacionar a proposta ao conteúdo de filosofia antiga, na qual um dos modos de realizar a filosofia era a troca de cartas filosóficas entre os filósofos. Nessa fase utilizamos duas aulas de filosofia para apresentar a proposta e trabalhar o tema das cartas filosóficas na filosofia antiga. Durante a exposição, como exemplificação foram abordadas as obras: *Carta VII* de Platão (1975) e as *Cartas a Lucílio* de Sêneca (2004), ambas tratam da filosofia como exercício existencial.

A escrita da carta consistia em que cada um deveria escolher um tema qualquer, fazer uma pesquisa para fundamentação teórica, realizar uma reflexão que o conduzisse à problematização da existência e apresentá-lo em um texto dissertativo. A partir desses critérios as cartas foram avaliadas para atribuição de um conceito, como uma das atividades avaliativas no bimestre. Para a troca de cartas, os estudantes realizaram a descrição em um pequeno caderno, o qual foi adotado como forma de construir um histórico das mensagens. Em seguida, as cartas foram distribuídas por sorteio para formar as duplas, as quais permaneceram até o final do ano letivo de 2019. A escrita não foi anônima e iniciou-se primeiro em uma turma, para depois enviar para o aluno da outra turma, sendo que este, por sua vez, elaborou uma resposta diante das colocações iniciais do remetente e, na sequência desenvolveu sua própria reflexão temática. Optou-se por realizar a troca de cartas como uma atividade extraclasse, isto se justifica pelo pouco tempo para realizar a atividade durante a aula de filosofia. As trocas ocorreram uma vez a cada bimestre, sendo realizadas três trocas no ano de 2019.

### 3 DISCUSSÃO



No ano de 2019 foram realizadas três trocas das cartas filosóficas, as quais se desenvolveram da seguinte maneira: as duas primeiras trocas foram encaminhadas como temática aberta, ou seja, cada um estava livre para escolher um tema, tendo apenas um critério de encaminhamento, pensar como aquela temática o conduzia à problematização da existência; a terceira troca se desenvolveu direcionando a escrita para temáticas que os conduziam à problematização da adolescência, embora também estivessem livres para escolher o assunto para dissertar.

Em relação ao encaminhamento metodológico das atividades, percebemos que durante as trocas das cartas ocorria um atraso na entrega por parte de alguns alunos o que dificultava o início da atividade na próxima turma. Então, foi possível realizar apenas três trocas durante o ano e não uma vez por mês como estava previsto na proposição do projeto.

Em relação aos dados, nas duas primeiras trocas a análise se deteve sobre o modo como os estudantes desenvolviam uma continuidade nas reflexões temáticas de seus colegas. Sendo assim, as cartas filosóficas dos estudantes foram analisadas por duas óticas de indagação.

A primeira ótica de análise concentra-se no conteúdo abordado na escrita das cartas, sendo que os dados recolhidos apontam que os assuntos recorrentemente permeiam o campo existencialista. E independentemente da escrita começar de forma despretensiosa, direciona-se para questões relacionadas ao comportamento moral e princípios éticos, origem do universo, propósito de vida, necessidade de engajamento social, questões ambientais, problemas políticos, compreensão do ser e dos sentimentos, o ser humano como prepotente, consciência e questões da adolescência. Desse modo, essas temáticas indicam que os estudantes procuraram no desenvolver de suas escritas abordar questões que estivessem relacionados com o que acontece em sua vida em sociedade. Optamos pela descrição desses temas mais gerais como forma de síntese dos conteúdos tratados nas cartas e, assim, não detalhar em exemplos as abordagens dos estudantes, pois o que nos interessa é evidenciar que os mesmos se percebem como sujeitos em formação a partir de elementos existenciais.

Já a segunda ótica se refere ao modo como os estudantes dão sequência aos assuntos abordados por seus colegas. Sendo que se observou que das 40 cartas: no primeiro diálogo, 33 (82,5%) deram continuidade, 6 (15%) não deram continuidade e 1 (2,5%) estava incompleta; no segundo diálogo, 20 (50%) deram continuidade, 6 (15%) não deram continuidade e 14 (35%) estavam incompletas.



Nessa descrição percebemos que no primeiro diálogo houve interesse por parte dos estudantes em construir sua escrita numa interlocução que estivesse comprometida com as questões colocadas pelo seu colega. Já os dados do segundo diálogo revelam uma descontinuidade em relação ao primeiro diálogo, isso se justifica por uma mudança na metodologia na elaboração das cartas, enquanto no primeiro diálogo a escrita foi realizada como tarefa extraclasse, no segundo diálogo a atividade foi realizada durante a aula de filosofia. Assim, notamos que essa segunda opção metodológica não foi bem sucedida, pois determinar um limite de tempo para iniciar e terminar uma atividade dificultou que alguns concluíssem seu texto.

A dificuldade metodológica no segundo diálogo nos conduziu a uma reflexão sobre a relação entre o tempo e o ensino. Faz-se necessário pensar o ensino de filosofia, como a educação como um todo, como um trabalho paciente de si em que é preciso dar-se tempo e, assim, combater modelos objetivistas de ensino-aprendizagem que, alicerçados em procedimentos de eficiência, visam apenas à economia de tempo. Esse imediatismo da busca por resultados, característico de nossa modernidade tecnológica, conduz o indivíduo à fuga de si e a elisão dos problemas existências.

Após esses dois diálogos, avaliamos a necessidade de focar a relação da escrita e a adolescência, isto porque a proposta do projeto é investigar o modo como o exercício da filosofia contribui para a problematização da existência. E em razão de que o objeto analisado em questão, as cartas, são originárias de uma faixa etária pertencente a tal denominação, propomos como terceiro diálogo a problematização da adolescência como modo de intensificar a construção de um exercício filosófico atento ao que acontece com a vida.

Assim sendo, no terceiro diálogo analisamos as respostas individualmente, as quais somaram 71 respostas nas duas turmas, isto porque alguns estudantes não realizaram a atividade e outros solicitaram transferência de escola. Destas, apenas 2 foram descrições que relataram conflitos pessoais vividos em seus cotidianos, as outras 69 se ativeram ao desenvolvimento do tema da adolescência em seu aspecto de produção histórico-social, sendo que: 42 descreveram a influência da sociedade em geral, 37 a influência da família, 23 os grupos e as amizades, 19 as escolas, 17 a mídia e 8 referem-se aos relacionamentos.

Na escrita das cartas esses temas aparecem descritos em diferentes questionamentos, como sobre o modo como os mesmos entendem a formação do seu eu diante dos padrões produzidos pelas instituições sociais como a família e a mídia; a adolescência como produção e uma invenção; como uma fase de conflitos, de lutas internas e incertezas sobre o futuro; a percepção da vida como um aprendizado e transformação; e apontando a necessidade de ajuda



para que possam melhor se compreender neste momento da vida. Desse modo, a problematização do ser adolescente aparece no modo como os estudantes entendem-se como sujeitos em formação descrevendo como esses elementos externos os afetam em sua vivência pessoal.

Nesse terceiro diálogo notou-se que o conteúdo escrito nas cartas evidencia a busca dos mesmos em compreenderem a eles mesmos, tal como a sociedade na qual estão inseridos por meio da indagação acerca do seu propósito e de sua existência nela. A adolescência representa os primeiros passos na construção da consciência do eu em suas implicações sociais, em consequência, a percepção do eu entra em constante conflito com a sociedade, já que a referida cria expectativas e prega sobre os mesmos profusas instituições sociais. Vigorando assim, análogo a esta fase, a percepção de que a construção de sua identidade está ligada a ideias, valores, sistemas ou instituições que permeiam tal formação, o que torna as questões extraídas demasiadamente compreensíveis.

Sobre as dificuldades na execução do projeto, além das já mencionadas, a saber, o atraso na entrega da atividade, a não realização da atividade por alguns dos estudantes, a redução do número de cartas prevista no projeto e a mudança da realização da escrita durante a aula para uma atividade extraclasse, também encontramos dificuldades com a formalização da escrita, isto porque alguns alunos ainda não dominam as técnicas da escrita, comprometendo em alguns momentos a expressão do pensamento de forma compreensível.

Enfim, este projeto PIBIC-Jr contribui tanto para inserir os estudantes pesquisadores nos procedimentos da pesquisa de iniciação científica no ensino médio, quanto para indicar a importância, no ensino de filosofia, da utilização de uma escrita filosófica que produza a problematização da existência.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho tencionou a prática da escrita filosófica como uma maneira de pôr-se a refletir sobre a própria existência, isto é, por meio da redação de cartas filosóficas buscamos promover um novo uso da técnica da escrita no ensino de filosofia, não como reprodutora do conteúdo, mas que conduzisse a uma atitude atenta ao que nos acontece. Resgatando o aforismo socrático, *Nosce te ipsum*, “conhece-te a ti mesmo”, prevê-se essencial para que haja identificação do sujeito como existente, dessa maneira a reflexão a partir da



*Recebido em: 26/05/2020*  
*Aprovado em: 23/12/2020*  
*Publicado em: 31/12/2020*

técnica da escrita é imprescindível. O jeito como alguém pensa e se comunica, é inevitavelmente a forma como essa pessoa existe.

A escrita de si ao conduzir a uma experiência de inquietação existencial e uma problematização das práticas cotidianas constitui em um novo uso de si e um novo uso técnico da escrita em filosofia. Assim, entendemos que esse novo uso passa pela aprendizagem da problematização das relações de saber-poder que estão presentes em nossas experiências cotidianas, contribuindo para um uso ético-político na formação educacional.

A dinâmica dessa pesquisa contribuiu para apontar a necessidade de pensar o ensino de filosofia por meio de exercícios, como a escrita, que vivenciam uma atenção à existência. A análise dos dados das cartas filosóficas evidencia que a escrita potencializa a problematização de si, contribuindo para a formação de um modo de pensar atento ao que nos acontece no presente.



Recebido em: 26/05/2020  
Aprovado em: 23/12/2020  
Publicado em: 31/12/2020

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Elogio da Profanação. In: AGAMBEN, G. *Profanações*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 65-79.
- AGAMBEN, G. *O uso dos corpos*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* Trad. Vera P. Carreto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253-278.
- DREYFUS, H. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DREYFUS, H. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- DREYFUS, H. *Ética, Sexualidade, Política*. 3. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês A.D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- DREYFUS, H. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GELAMO, R. P. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- GROS, F. Notas e Situação do curso. In: FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PLATÃO. Sétima Carta. In: PLATÃO. *Diálogos: Fedro - Cartas - O primeiro Alcibíades*. Belém: Ed. UFPA, 1975, p. 137-167.
- ROCHA, A. P. R.; GARCIA, C. A. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(3), p. 622-631, 2008.
- SÉNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Trad. de G. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2004.
- SLOTERDIJK, P. *Has de cambiar tu vida: sobre antropotécnica*. Valencia: Pre-texto, 2012.